



Editorial
Vera Pollo

Artigos

2018: A história da Escola de Psicanálise dos
Fóruns do Campo Lacaniano 20 anos depois
Antonio Quinet

A criança frente à escolha do sexo
Luciana Marques

Três ensaios para uma teoria sexual: um
compêndio de psicanálise
Beatriz Elena Maya

Segregação e sexuação
Vera Pollo

Transitar na adolescência. Avatares de
identidade e sexuação, entre Semblante e
Nomeação
Mariano Daquino

“Vida dupla”. O fracasso da perversão
Matías Buttini e Tomás Otero

“Meninos não Choram”, mas nós choramos
por eles
Barbara Zenicola

Um mantra de amor, sexo e morte no filme
“Uma nova amiga”
Taoana Aymone Padilha

“XXY”: a escolha do sexo na adolescência
Heloene Ferreira da Silva

Uma segregação gastronômica
Leonardo Pimentel

“Ela vem para cima de mim e depois não
aguenta o tranco”
Elena Pérez Alonso

Resenha

Psicanálisentreartes, um livro para ser relido
Vanisa Maria da Gama Moret Santos

Em 9 de outubro de 2017, celebramos os cinquenta anos da Proposição sobre o psicanalista da Escola. Com ela, ou melhor, por meio dela, Lacan fez o ato que faltava para afastar definitivamente a estrutura de Escola que havia concebido das sociedades que um dia frequentara. Inventar um dispositivo institucional que pudesse verificar a passagem de analisando a analista, e a mudança discursiva que ela opera, que recolhesse os testemunhos da destituição subjetiva e dos afetos, “sobretudo maníaco-depressivos” que acometem um sujeito em fim de análise, foi, sem dúvida, o ato de afiar a lâmina da verdade da práxis freudiana.

O número 14 de nosso Folhetim abre suas páginas com o texto “2018_ A história da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano 20 anos depois”, Ata editada e ampliada da conferência que Antonio Quinet, pronunciou na atividade “Folhetim em debate”, em 25 de outubro de 2017, e que recebeu as contribuições do debate com Maria Vitória Bittencourt, Vera Pollo, Maria Luísa Rodriguez, Ricardo Cabral e Sonia Alberti.

Mas, além desta importante Ata, Folhetim 14 tem a particularidade de trazer relatos, clínicos ou cinematográficos, de sujeitos ditos “trans”. Há também um artigo que estuda o desejo na perversão e sua resistência a entrar em análise, e quatro textos que foram produzidos a partir de quatro sessões de “O desejo projetado: do cinema à psicanálise”, atividade que acontece mensalmente na sede do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro, sob a coordenação de Julie Travassos e Felipe Grillo. E isso ainda não é tudo.

Em “A criança frente à escolha do sexo”, Luciana Marques tece considerações em torno do falo como operador lógico da castração e, conseqüentemente, operador da escolha sexual. Seu texto se estende da primeira referência de Freud ao falo, ainda em 1900, no texto de “A interpretação dos sonhos”, ao Seminário 19:..”ou pior” (1971-1972), de Jacques Lacan, com suas elaborações em torno da “pequena diferença”, a qual demonstra claramente que ser órgão significa precisamente ser significante. Já Beatriz Maya faz uma rica análise da obra freudiana “Três ensaios sobre a teoria sexual”, que ela subintitula pertinentemente de “compêndio de psicanálise”. Pois sua leitura extrai do texto freudiano de 1905 as bases da teoria do narcisismo e da repetição, germe, diz ela, de tudo o que mais tarde será dito por Lacan acerca da relação do sujeito e do Outro. Em meu artigo intitulado “Segregação e sexuação”, procuro demonstrar, com argumentos de Freud e de Lacan, as

razões que aproximam tão intrinsicamente os fenômenos de segregação das modalidades de gozo da sexualidade. Retomo a assertiva de Lacan de que, para não segregarmos nossos semelhantes, seria preciso não tentar impor-lhes uma modalidade de gozo que é nossa, assim como relembro, citando Antonio Quinet que, sem o hetero, o diferente, não se chega ao ato sexual, nem mesmo a uma escolha. Portanto, a rigor, a homossexualidade não existe, e o amor pode ser narcísico ou anaclítico, não é bem isso que importa, pois, se ele é *hommesexuel*, então podemos dizê-lo “amor humanossexual”.

Dos textos que abordam questões ligadas à clínica da perversão e da sexualidade trans, gostaria de destacar o que se pode aprender sobre o efeito pacificador de um nome, no texto de Mariano Daquino; os surpreendentes efeitos terapêuticos de apenas quatro encontros de um sujeito perverso com um analista, tão bem descritos por Matías Buttini e Tomás Otero; as considerações sobre “identidade de gênero” que Mariano Daquino desenvolve, para concluir que “parecer ser” e “ser nomeado”, se tiverem efeito de regulação de gozo, poderão ter “valor de âncora e nó entre semblante e nomeação.”

Dos trabalhos que conjugam psicanálise e arte cinematográfica, destaco as informações que Bárbara Zenícola nos traz sobre a violência contra as pessoas trans; a hipótese levantada por Taoana Padilha de um trabalho de luto que parece corresponder à incorporação da feminilidade perdida; as articulações e (des)articulações entre o biológico e o ser-para-o-sexo no trabalho de Heloene Ferreira; as considerações de Leonardo Pimentel sobre o “discurso atual” que, exigindo e esperando dos sujeitos uma gama infinita de experiências, “não ressalta a possibilidade de escolha”. Para ele, é o que também se pode depreender do filme *Les garçons et Guillaume, à table*, segregação gastronômica que só desvela sua verdadeira face ao inverter-se em “Meninas e Guillaume, passem à mesa.”

O caso clínico de uma criança analisada por Elena Alonso, traz à cena os efeitos nefastos do inconsciente da mãe sobre a subjetividade da filha, e todos os riscos que uma criança corre, se permanecer assujeitada ao lugar gozoso de “brinquedo erótico” do Outro primordial. Este caso nos lembra a nota de Lacan a Jenny Aubry, em 1969, na qual ele comenta as consequências do aprisionamento de uma criança na função de objeto a do fantasma da mãe: esta perde toda possibilidade de acesso à sua verdade, aquela produz um sintoma inacessível à intervenção analítica.

Inverte-se, todavia, este tom de impotência, quando passamos para o último texto deste número, a Resenha escrita por Vanisa Moret Santos sobre o livro de Sonia Borges, “Psicanalisentreartes”. Como salienta Vanisa, “enquanto objeto provocador, a arte nos

ensina muito mais sobre nós mesmos do que sobre o adoecimento psíquico de seu criador.” Um livro para ser relido. É preciso lê-lo, relê-lo e, mais uma vez, voltar ao início. Pois, “O artista, como o Deus da criação, permanece dentro ou atrás ou além ou acima de sua obra, invisível, aprimorado fora da existência, indiferente, aparando suas unhas.”¹ Assim falou James Joyce.

Vera Pollo

¹ *Um retrato do artista quando jovem*. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. p. 227.